Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 742

10 DE AGOSTO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA

(Copia de um retrato feito por Mauricio José Sendim em 1832)

CHRONICA OCCIDENTAL

Um dia inteiro de chuva muito miuda, e acabou-se.

Continua a cahir a calma. Entretanto um nadinha de fresco á noite trouxe alguma animação aos theatros, cujos emprezarios e artistas demonstraram uma coragem, que merece ser notada.

As noticias escassearam, como não podia deixar de ser. Quando a columna de mercurio trepa pela escala do thermometro até ao alto, não ha factos possiveis, ha simplesmente calor.

Nem se fala d'outra coisa. Parece que o calor é d'um só, que não póde deixar de dar essa má noticia aos outros.

— Hein? Que me diz você?

— Que calor! Hein?

E ficam-se, um defronte do outro, arquejantes, d'olhos tristes, limpando o suor da testa.

É que, d'esta vez, passou das marcas assignaladas ha mais de trinta annos.

Segundo telegrammas de Villa Fernando, o thermometro ao sol marcou sessenta e tantos gráos. Se devemos dar credito ás theorias de Darwin e juntamente á fabula, o alemtejano descende por força da salamandra.

Só quem atravessou nos mezes de junho a setembro essas enormes charnecas, só quem respirou essas lufadas de ar, muita vez sobre aquecido pelas queimadas, póde formar uma idéa do que seja um dia de sol nos giestaes do norte, entre os enormes rochedos de granito, ou nos grandes estevaes do sul, entre um concerto estridulo de milhares de cigarras. E o ar que se eleva do chão ardentissimo faz tremer todos os contornos dos objectos distantes, todos elles ennuveados. E nem o canto alegre d'um passaro, nem um murmurio d'agua!

Que trabalho não devem ter, com as nucas aquecidas pelo gaz, em frente da janella aberta, por onde não entra uma viração, os desgraçados reporters, obrigados a encher com tão pouca e pouco interessante coisa, as longas columnas d'um jornal diario!

— Que ha?

— Calor!

E do calor e dos prejuizos por elle causado falam os telegrammas da provincia.

Contraste com a supina semsaboria de Lisboa fez o Porto, ha poucos dias, quando brilhantemente recebeu o novo bispo nomeado para aquella diocese, sr. D. Antonio Barroso.

Foi grande a festa na cidade. Desde que o comboio chegou a Estarreja, por todo o seu percurso até á estação de Campanhã, as manifestações foram ruidosas.

Pelas ruas, muito bem ornamentadas, seguiu o cortejo desde a estação do caminho de ferro até á egreja de Santo Ildefonso, onde foi resado o *Te-Deum*, havendo depois recepção no paço. A noite houve illuminações e fogo de vistas, achando-se as ruas apinhadas de gente.

Foram notaveis as respostas do novo bispo ás allocuções do sr. presidente da camara municipal e do sr. general Cibrão, commandante interino da terceira divisão militar. O sr. dr. D. Antonio Barroso, cujo passado não desmente as phrases commovidas de que fez uso, mostrou-se um verdadeiro patriota, affirmou ser sua convicção que a redempção de nossa patria está no nosso dominio colonial e, referindo-se aos tempos em que foi missionario na India e na Africa, comparou eloquentemente aos soldados da espada os soldados da cruz.

O Porto bem andou, quando com tamanho enthusiasmo recebeu o novo prelado, que tão ligado tem o nome ás paginas gloriosas da nossa moderna historia africana.

E, emquanto festas e festas, se succediam na capital do norte, Lisboa pacata apenas sahia do marasmo, um pouco assustada, com o que lhe vieram contar dos carniceiros.

Constou que os marchantes haviam feito parede e nem o bifesinho do almoço, nem um naco de carne para a panella, havia no talho, aquella manhã!

Felizmente o susto foi de pouca dura e governo e camara municipal conseguiram arranjar as coisas... pelo menos por emquanto.

Recorreu-se ao fiel amigo e, como um dia não são dias, tudo se passou ás mil maravilhas.

O fiel amigo?... Dizia uma vez na Suecia um diplomata portuguez: — «Tomára já ver-me em Portugal para comer bacalhau!»

Fiel?... Quem sabe?

Ainda ha poucos dias, em Braga e no Porto se realisaram comicios, para protestar contra o monopolio d'esse peixe, que é, sem duvida, um dos alimentos preferidos pelo povo portuguez. No do Porto foi approvada uma moção á camara municipal pedindo-lhe para que interceda junto do governo para que este importe o bacalhau preciso e o forneça ao povo por preço barato. No de Braga foi lida uma representação de protesto e approvado um telegramma de adhesão ao comicio do Porto.

O fiel amigo anda mettido em intrigas, pelo que se vê, e o caso é serio.

Nada d'isso, porém, commoveu Lisboa, onde apenas se canta, como na revista do Schwalback:

— Cucurucu!
Para onde vais?
Cucurucu!
Para Cascaes!

Pelo Porto tambem se ha de cantar qualquer coisa parecida. O caso é arranjar as devidas rimas para *Espinho, Povoa de Varzim* e mais terras de banhos e de roleta.

E, cantando a quadrinha, a população vai-se safando e Lisboa deserta, sobretudo ao domingo, é d'uma melancolia infinita!

O proprio chefe do estado e os seus ministros deram exemplo para a deserção.

El-rei partiu na hias no seu hiate para o Algarve, onde continua nos trabalhos de exploração oceanographica. Annuncia-se para breve a publicação de um novo livro do Sr. D. Carlos.

Muitos dos ministros tambem foram tratar de um bocadinho de descanço, para alguns bem merecido. D'Agueda, dos Cucos, de Caldellas, chegam-nos noticias felizmente boas dos srs. Alpoim, Sebastião Telles e Elvino de Brito.

E de longe nos vem todas as noticias agora e a Deus prouvesse que todas fossem tão boas como muita coisa que de longe nos vem. Com uma recordação ainda ao bacalhão na berra, digamos de passagem que ainda não acabaram de todo as visitas dos navios estrangeiros aos nossos portos. Em Lagos esteve a esquadra ingleza do Mediterraneo, em Lisboa um navio grego e dois russos.

Noticias de crimes é que não faltam. Ha quem se espante de que elles venham de enfiada. Crimes por ciumes, quantos se hão commettido agora!

Deveriam dar-se essas noticias tão pormenorisadas como estamos costumados a vel-as? Não será o exemplo do crime muita vez fautor de novo crime?

Noticiaram os jornaes o assassinio d'uma pobre rapariga na Calçada do Carmo e dois dias depois, confessavam-o elles mesmos, a leitura do que se passára em Lisboa animava um patife de Almada a praticar a mesma ignobil malvadez contra a namorada que o desprezára.

Querem-o mais claro ainda?

E quantos já depois d'esse?

Mas n'esta miseria de noticias, um crime é coisa a explorar, e não ha dez réis que se dêem com mais gosto.

Se não ha nada que se conte? Se a cidade é deserta, se os grandes alinhamentos ao domingo estão silenciosos como charnecas, sem viv'alma nos passeios, sem viv'alma ás janellas, sem um pregão de vendedor, sem um rodar de carruagem, apenas á tarde com um ou outro grito de andorinhão, voando muito alto, no azul a faiscar?

Breve hão de vir noticias commovedoras do processo Dreyfus. Então sim, valerá a pena ler avidamente as columnas e columnas de letra cerrada com o desenlace da mais espantosa tragedia d'este fim de seculo.

Escrevemos *o desenlace*. Será d'esta vez? chegámos finalmente ao quinto acto?

Quem póde assegural-o?

«Anda uma coisa no ar» disse um dia o Bispo de Vizeu. E todos se riram, mas a phrase foi celebrada.

Anda agora muita coisa no ar e ninguem póde dizer o quê.

Vão lá raciocinar com um calor d'estes, que a todos traz de miolos fritos!

Já não ha limonadas, cervejas, capilés, sorvetes que nos dêem allivio.

Metteu-se no caso a homeopathia e parece que com exito crescente.

Quem está farto de calor em Lisboa, vai apanhar um calor em Cascaes.

Alguns são mais modestos, contentam-se com apanhal-o nas bilharistas.

Em todo o caso, o que mais se ouve é cantar:

Cucurucu!
Para onde vais?

João da Camara.

O poeta José Maria da Costa e Silva

(1788-1854)

Poucos poetas e escriptores portuguezes teem sido mais severa e injustamente criticados do que José Maria da Costa e Silva. A critica litteraria, comtudo, não disse ainda, felizmente, a sua ultima palavra ácerca do poeta, que bem merece a carinhosa attenção que hoje tentamos chamar para a sua obra, que é de incontestavel valor.

Contribuiram, certamente, para não ser apreciado com o justo louvor que merecia, duas causas oppostas, que são a de elle ter sido o ultimo representante de uma escola que já cahira desprestigiada e o conhecer-se mal o seu valor n'outra escola, em que foi um dos primeiros.

A historia das litteraturas tem capitulos interessantissimos. O da evolução particular de cada genero constitue um estudo que muito elucida. Mas, infelizmente, quantos abstrahem a mutua ligação que se revela e só analysam os factos, independentemente, em si mesmos.

Foi o que, em geral, succedeu com Garrett. Na commemoração que se lhe fez, apenas um escriptor francez, o sr. Vincent, leu na festa da colonia portugueza em Paris um estudo desenvolvido ácerca dos predecessores de Garrett.

Entre estes, existe Costa e Silva, que muito grato se nos torna relembrar. Se Bocage traduziu Dellile, José Maria da Costa e Silva tambem o traduziu e compoz um lindo poema original, no mesmo genero descriptivo, e que o torna hoje o mais agradavel representante entre nós do notavel poeta francez.

Como iniciador da nova escola elaboradora sob forma erudita do assumpto popular, Costa e Silva é um dos mais incontestes predecessores de Garrett, e é este facto que nos encanta. Muito cedo pensou elle na compilação de um romanceiro, e entre alguns seus autographos possuimos nós duas versões differentes por elle colhidas da *D. Silvana, Conde de Alarcas, Conde Alvar ou de Alemanha*, excerptos estes que indubitavelmente pertencem áquelles a que allude no prólogo do seu poema romantico *Emilia e Leonido.* [1]

A sua *Donzella de Aragom* foi talvez n'esta epoca o primeiro romance erudito e litterario baseado na versão popular. É sabido que o elaborou sobre a lenda, que uma familia de Gôa lhe communicára.

Aparte um certo uso de desinencias antiquadas e de algumas palavras compostas á maneira grega, que lhe valeram a critica implacavel de José Agostinho de Macedo, a quem o moço poeta nunca perdoou, tem este romance um logar distincto, como notámos, na nossa litteratura.

Se entre os latinos existisse o proverbio *mens sana in corpore fragile*, em logar do que todos conhecem e nós assim modificámos, parece nos que com notavel propriedade aqui o empregariamos.

No dia 15 de agosto de 1788, nasceu José Maria da Costa e Silva, tão franzino e tão enfezado era que logo aos primeiros vagidos lhe auguraram vida curta. Porém os horoscopos tiveram redondo desmentido. Não que o corpo do infante se fosse robustecendo de modo a tornal-o vigoroso, mas porque luctando pela vida o seu espirito se mostrou d'um desenvolvimento deveras precoce.

De forma que o que faltou ao corpo sobejou ao espirito. Todavia a sua infancia e mesmo toda a sua vida resentiram-se sempre d'esse pouco vigor physico.

Costa e Silva fez os seus primeiros estudos com muito aproveitamento, aprendendo a grammatica e a lingua latina com o professor José da Costa e Silva, e a lingua grega com Manoel Moreira de Carvalho; rhetorica com o dr. Maximiano Pedro de Araujo Ribeiro; philosophia racional e moral com o religioso trino rev. padre frei João de Sousa; physica no mosteiro de S. Vicente de Fóra; e theologia com os padres da Congregação do Oratorio. Parece que se destinava á medicina, sciencia que lhe era predilecta, como transparece em algumas das suas poesias mais eruditas. É certo que a morte de seu pae lhe quebrou a carreira.

Foram seus paes Francisco Antonio da Silva thesoureiro do Terreiro publico de Lisboa, e D. Marianna Rosa dos Prazeres. Tendo perdido o primeiro, que morreu pobre, teve que se empregar como *official papelista*, ou escrevente, na Meza de Consciencia e Ordens. N'este logar não se mostrou assiduo, porque as lettras não

[1] A mais completa e formosa versão d'este romance popular é decerto a de Garrett *Conde Janno.*

consentem vida socegada nas primeiras edades, de fórma que em breve perdeu o emprego.

Só mais tarde nos apparece, em 1834, nomeado redactor da *Chronica Constitucional*, commissão onde apenas se demorou seis mezes, pelo que os contrarios lhe dirigiram epigrammas, como Castilho, que o conseguira lograr com uma poesia original sua e que lhe apresentara como sendo mui antiga.

Justo é que se diga, que Costa e Silva não guardou rancor a Castilho e que lhe prestou sempre a sua admiração.

Já assim não succedeu com José Agostinho de Macedo, que tendo n'uma nota censurado como dissémos o uso que Costa e Silva fazia das palavras compostas e exquisitas, este sempre que podia lhe atiçava, pondo o ramo n'outro lado, isto é, defendendo outros poetas e vomitando sobre José Agostinho, quanto lhe parecia. A questão do zoilo de Camões não foi das menos aproveitadas.

Bocage, que tambem lhe fizera alguns epigrammas, como adeante referimos, sempre lhe mereceu admiração. É com respeito que o cita, como por exemplo na sua ode *Ao Retrato de Bocage*, pintado por Henrique José da Silva, e em tantas outras suas composições em que é citado. N'uma nota ao verso «Melico Elmano» da sua ode XVII escreve Costa e Silva:

«Manoel Maria Barbosa du Bocage, o mais harmonioso dos nossos poetas, e elegante traductor dos Jardins de Delille, das Plantas de Castel, da Agricultura de Rosset, etc.»

O soneto XXXII da sua collecção é dedicado ao grande poeta sadino.

No prologo da segunda edição do seu poema *O Passeio* faz-lhe a mais rasgada homenagem, dizendo:

«e... com a força dos pensamentos, com a novidade e valentia da expressão; com a viveza do colorido, abundancia das imagens, resalto dos contrastes, prestigio da harmonia metrica, e aquella continuada elegancia, que nasce com o genio, e que, Bocage possuia em maior grão que todos os Poetas Portuguezes»

Novo, muito novo revelou talento e aptidão para a poesia. As suas primeiras composições mereceram a Bocage a honra de uns epigrammas que se pódem lêr no tomo I das suas *Poesias*, edição de 1853, a paginas 374. Tendo fallecido Bocage em 1805, calculamos que não contaria ainda Costa e Silva quinze annos de edade quando compôz as poesias que despertaram a critica de *Elmano*.

Affirma-se que o seu bello poêma descriptivo *O Passeio* foi escripto aos 17 annos. De quanto valia esse trabalho na sua primeira forma, isto é na edição, hoje rara, de 1816, nos dá lisonjeira ideia Almeida Garrett, quando lhe dedicou estas linhas de elevado apreço:

«Não posso fechar este breve quadro, sem patenteaŕ a admiração e o indizivel prazer que me deu o poema o *Passeio* do sr. J. M. da Costa e Silva, cuja existencia tinha a infelicidade de ignorar (tão pouco sabemos nós portuguezes das riquezas que temos em casa!) e não sei que tenha que invejar a Thompson e Delille, se não fôr na pouca extensão, e acaso, dirá mais severo juiz em algum verso de demasiado *elmanismo*. Quanto a mim, folgo de me lisongear com a esperança que o seu auctor lhe dará a amplidão e mais (poucos mais) retoques com que ficará por ventura o melhor poema d'esse genero [1].

Acerca das suas primeiras composições, diz Costa e Silva annotando a ode XII:

«Foi esta a primeira ode pyndarica que escrevi; tinha então 17 annos e frequentava a aula de rhetorica ouvindo um mestre, excellente sujeito, e na verdade mui versado em preceitos da Arte, mas, como depois conheci, fraco poeta e critico ainda mais fraco.»

N'outro logar tambem já escrevera Costa e Silva. É no prologo da sua collecção de poesias, paginas VIII e IX:

«Principiando mui cedo a cultivar a poesia, foi como poeta lyrico que adquiri essa tal qual reputação de poeta. Pindaro, e Horacio, Garção, Diniz, e Francisco Manoêl, eram o objecto continuo dos meus estudos. Não me faltaram decerto os desejos de imital-os bem, mas a Natureza foi commigo escassa de seus dons. Bem tinha eu então a consciencia de quam longe ficavam as minhas odes dos grandes modelos, que havia escolhido, e hoje que tenho passado a idade das illusões e dos amores, que me encontro no penultimo quartel da vida, conhecendo ainda melhor os defeitos das minhas composições, persuado-me que, se então pensasse como hoje, não teria escripto um só verso.»

[1] *Parnazo Luzitano*, tomo I, pag. LXV.

O primeiro livro que lêmos ha — bastantes annos — de Costa e Silva, foi o *Espectro*, poema romantico, em 6 cantos de que decorámos até alguns versos taes como:

Que o homem nasce mau Hobbes attesta,
Que o homem nasce bom Rousseau defende.

com os quaes o poeta tenta demonstrar que a educação é que modifica o homem, o qual nasce sempre mau, e senão veja-se a creança que ainda mal pode levantar a mãosita já bate na mãe, se esta lhe não dá o que pretende; que pede em alto choro qualquer objecto, uma flôr, por exemplo, para logo a desfolhar com alegria, ou quebrar-lhe o pedunculo, e só fica satisfeita quando a destroe por completo.

D'esta leitura, que em tenra edade fizemos do *Espectro*, resultou a sympathia que hoje provamos pelo seu auctor.

O poema foi publicado no estrangeiro, mas recebeu-o a critica nacional com muito louvor. Por esse tempo havia em Lisboa um periodico intitulado: o *Eleucho*, que criticou o *Espectro* um pouco erroneamente, não lhe regateando comtudo os mais justos elogios. As erradas affirmativas do *Eleucho* rebateu-as, ponderando-as cortezmente, Costa e Silva no prologo da segunda edição do *Passeio*.

Mais tarde vimos os poemas romanticos *Izabel*, em 6 cantos. 1832, e *Emilia e Leonido*, em 10 cantos, publicado em 1836.

Poeta espontaneo, escreveu Costa e Silva muitos elogios dramaticos e varias imitações, que pouco mais viveram do que as luctas politicas que se commemoraram e ás quaes nunca o poeta regateou os accordes da sua lyra, sempre prompta a cantar as mais diversas parcialidades.

Em 1843 e 1844 publicou Costa e Silva a collecção das suas poesias em tres tomos, contendo o primeiro as *Odes* divididas em cinco livros: *Pyndaricas, horacianas heroicas, horacianas moraes, horacianas eroticas*, e *anacreonticas*. Além do prologo do poeta. vem n'este tomo uma *Epistola* ao auctor por Thomaz Antonio dos Santos e Silva. Contam-se n'este tomo 204 odes e um dithyrambo.

O segundo tomo encerra as *Fabulas* e *Sonetos*, sendo 150 as fabulas e 72 os sonetos. Afóra o erudito prologo ácerca do genero poetico fabular, enriquecem estas fabulas interessantissimas notas, algumas assás curiosas para a historia natural do Brazil.

O terceiro tomo comprehende 8 epistolas e 4 epicedios. Foi ainda em 1844, que Costa e Silva publicou a segunda edição, correcta e consideravelmente augmentada, do seu poema *O Passeio*. Como vimos nas palavras de Almeida Garrett havia o conselho de amplificar o delicado poema, conselho que Costa e Silva muito apreciou augmentando dois cantos aos dois do primitivo poema e fazendo-lhe outras modificações:

Eis as suas proprias palavras:

«Torna agora o «Passeio» a apresentar-se ao publico, e a tentar fortuna, com a maior perfeição que me foi possivel conferir-lhe. Estou certo de que fiz desapparecer d'elle, muitas imperfeições, e negligencias; toca porém aos Leitores o julgar se os numerosos additamentos, que lhe fiz, cooperam para lhe dar maior belleza.»

Em 1850 foi impressa a sua traducção do celebre poema de Appollonio Rhodio — *Os Argonautas*, que estivera longos annos inedita, como se deprehende de algumas notas do poeta em outras composições suas.

No mesmo anno de 1850, começou Costa e Silva a publicar a sua grande obra *Ensaio biographico-critico* dos poetas portuguezes, trabalho notavel pelas numerosas citações que faz de differentes poemas que mal se conheciam.

Em certas especialidades tornam-se essas noticias verdadeiras revelações, como por exemplo succede com os poemas hespanhoes escriptos por portuguezes, que alguns ha maravilhosos, e que nunca teriam sido conhecidos e indicados ao nosso apreço se Costa e Silva os não registasse.

Bastaria esta importante obra, que a morte lhe não permittiu vêr impressa senão até ao oitavo volume, para grangear a Costa e Silva um logar distincto na litteratura portugueza, que, comquanto lhe não tenha sido negado, ainda hoje lhe não foi concedido.

Em 25 de abril de 1854, contando 66 annos de edade falleceu o erudito poeta, na casa da sua residencia, rua da Boa Vista, 73, legando apenas aos seus um nome honrado, varios manuscriptos ineditos e alguns exemplares das suas obras impressas.

Os manuscriptos passaram para a mão de um seu amigo, o editor do *Ensaio biographico critico*, que ainda lhe publicou mais alguns volumes d'essa obra; porém dos que não viram a luz do dia encontram-se bastantes, segundo nos informam, nas mãos do sr. Merello Por elles se vê um pouco de quanto o poeta trabalhou e o muito que ainda tencionava escrever.

Ao pintor Sendim, que lhe tirou o retrato, que reproduzimos de um quadro pertencente á filha do poeta, a ex.ma sr.a D. Emilia Rita da Costa e Silva, esposa do nosso amigo o gravador sr. José Baptista Coelho, dedicou o auctor varias composições, dando-lhe assim em verso o que não lhe podia pagar em ouro

Lê-se na collecção de *Poesias* a LII e o Soneto LXXVI, sendo este o ultimo o seguinte:

«Furtas meu rosto, e o reproduz na téla
«O teu pincel! que mal no Vate o empregas
«A quem do manto seu nas densas pregas
«Envolver a Desgraça ha muito anhela.

«Das artes vivo amor, que te desvela
«Não sentem gentes rusticas, e cegas,
«E quando a copia minha ao Porvir legas
«Elle talvez desdenhe conhecel-a.

«Ah retrata das Leys a formosura,
«Ou dos grandes da terra o fero aspeito,
«E fama lucrarás, ouro e ventura.

Grego pintor, menos que tu perfeito
Assim obteve gloria que inda dura,
«Dões de Alexandre, e de Campaspe o leito.»

Nas *Odes*, dedicou Costa e Silva a Sendim a numero XLIV que começa assim:

«Sendim, concedo
«Por te dar gosto,
«Que hoje retrates
«Meu feio rosto.

«O Lapis toma,
«E estirador
«Que em attitude
«Cá me vou pôr?

A Costa e Silva inspiram-n'o muita vez os assumptos familiares. Nas fabulas, segundo a tradicção, ha postos em poesia muitos acontecimentos que com elle e com os seus se deram.

Nas suas poesias teve algumas vezes vôos arrojados de inspiração e de profundo sentimento. Nas *Odes* figura uma á morte prematura de seu irmão Antonio Avelino da Costa e Silva, na qual se espelham aquelles dotes.

Mas as composições que se revestem de um maior sentimento são aquellas que dedicou a D. Maria Constança Lima Barbosa, dama que muito o inspirou, e figura nas suas poesias sob o nome de Marcia.

Para fechar este despretencioso artigo de simples rememoração, que outras pretenções não tem, transcreveremos de entre os sonetos dedicados ao passamento d'aquella senhora, o LXIV da collecção, que é deveras sentido:

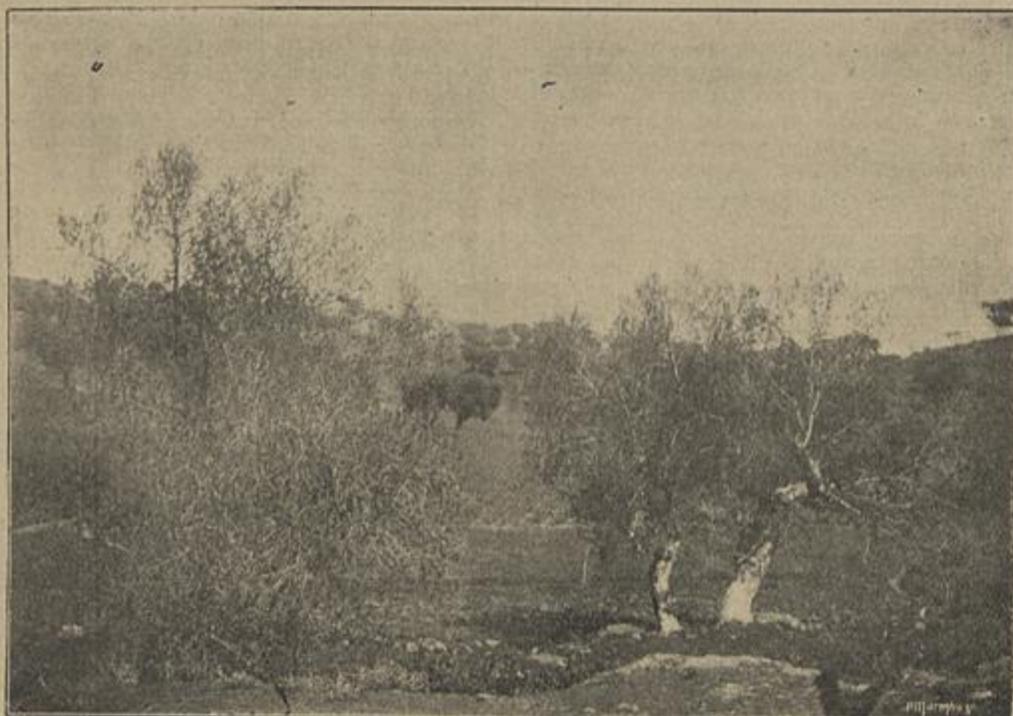
«Aquelle coração, em que eu reinava,
«O rosto, que em meus olhos se reviam,
«Os labios, que a voz doce desprendiam,
«Que de minha alma os seios penetrava:

«O peito, que a meu peito eu apertava,
«Os braços, que amorosos me cingiam,
«Mil graças, prendas mil, que revestiam
«O encantador objecto que adorava.

«Tudo ao sepulchro foi com Marcia, aquella,
«Que eu tanto celebrei na eburnea lyra
«Na estação juvenil, jucunda, e bella.

«Marcia! Marcia cedeu da morte á ira!...
«Oh! como poderá viver sem ella!
«O amante, que por ella em vão suspira?»

Lisboa, abril, 1899.

Esteves Pereira.

VISTA DO COMEÇO DO VALLE DE PALMA, TOMADA DO PALACIO

AS NOSSAS GRAVURAS

VALLE DE PALMA

Morgadio do poeta Jeronymo Côrte-Real

Jeronymo Côrte Real, o celebre auctor do poema relatando o tristissimo e commovente naufragio de Manoel Sepulveda, é um vulto da nossa litteratura, cuja biographia mal conhecida e deficiente parece difficil de esclarecer-se.

São por isso sempre bemvindos quaesquer subsidios que para a biographia do poeta se possam ajuntar. Commemorando a ultima visita de S. M. el-rei D. Carlos á cidade de Evora, publicou n'essa occasião o erudito investigador sr. A. F. Barata, um pequenino e nitido opusculo, editado pelos srs. Ferreira, Irmão & C.ª, na rua do Paço, Evora, apresentando alguns dados novos para a individualidade de Jeronymo Corte Real. Essas novas indicações cifram-se em pouco, mas em assumptos d'este genero tudo é relativo. Determinou o sr. Barata duas cousas importantes: o logar em que esteve situado o morgadio de Valle de Palma, onde parece que o poeta viveu por muito tempo, e o anno, quasi certo, do seu fallecimento.

Reproduzindo as duas estampas que illustravam esse opusculo, trataremos tambem de reproduzir os esclarecimentos que a ellas se reportam nos referidos *Subsidios para a biographia do poeta Jeronymo Corte Real.*

A umas duas legoas ou pouco mais, a leste de Evora, ainda hoje existem o Valle de Palma e herdades annexas, pertença dos herdeiros de José Maria Eugenio d'Almeida, que os adquirira por compra.

Tinham sido aquellas terras de Vasco Martim de Mello, que as vendeu a Vasco Annes Corte Real. Foram coutadas por D. João I em 9 de maio do anno de 1411 e confirmadas no couto por D Affonso V, em 9 de junho de 1452, e por D. Manoel em 26 de maio de 1511 e por D. João III em 1522.

Um filho de Vasco Annes, Jeronymo Corte Real, as vinculou em morgado, que deixou a um sobrinho, irmão mais velho do poeta, João Vaz Corte Real, por morte do qual entrou na posse d'elle o auctor do *Naufragio de Sepulveda.*

Era o poeta o terceiro filho de Manoel Corte Real. Casou com D. Luiza da Silva, filha de Jorge de Vasconcellos, armador-mór e provedor dos armazens, e de D. Leonor de Menezes, de quem não teve descendencia, havendo duas filhas naturaes: D. Brites ou Guiomar de Mendonça, casada com Antonio de Sousa d'Abreu, trinchante do duque de Bragança e D. Antonia de Mendonça, freira do Salvador, de Lisboa, d'onde passou para Santa Catharina, de Evora. Por sua morte passou o morgado a sua irmã, D. Maria Corte Real, casada em terceiras nupcias com João Gomes da Silva, a qual em maio de 1590 requereu a Filippe I a confirmação dos privilegios que D. Sebastião dera a seu irmão Jeronymo.

Parece que o poeta se retirára á casa nobre do seu morgado vivendo ahi longos annos até morrer

A uns tres kilometros do palacio, hoje designado simplesmente *Paço*, cabeça do morgado, existe na margem direita do Degebe um moinho grande, em ruinas, a que os povos da freguezia de Nossa Senhora da Natividade de Machede, de que fazem parte aquellas terras, dão o nome do *Moinho da Corte* (Moinho do Corte Real).

José Maria da Costa e Silva, no seu *Ensaio*, e a *Bibliotheca Lusitana* dizem que o palacio estava situado n'um formoso valle, com muitos encantos poeticos em torno. Mas o *Paço*, construido no seculo XV, encontra-se no começo de um valle pouco profundo, cujo horisonte é muito estreito e só mostra sobreiros e azinheiras, o que não justifica aquella affirmativa.

Acha-se assim, pois, determinado o sitio do morgado, no concelho de Evora e freguezia de Nossa Senhora de Machede, e que a administração d'elle passou do poeta para D. Maria, sua irmã.

Estabelece egualmente o sr. Barata, no alludido opusculo, que devia o poeta ter fallecido nos primeiros mezes de 1590, e de modo nenhum depois, porque requerendo D. Maria em maio d'aquelle anno, allegando ao rei as depredações que lhe faziam nas herdades do morgado, não é natural que para o fazer interpozesse largos mezes, annos mesmo entre o fallecimento do irmão e a occasião em que pretende acudir ao prejuizo que soffria, por falta de couteiro legal que atalhasse com seu poder aos damnos referidos na petição: *cortes de lenha, apascentagem de gados*, etc.

Além d'estes novos dados, que bastariam para tornar o opusculo merecedor de elevado apreço, encontram-se n'elle outras curiosas noticias, que por mais accessiveis as não extractamos, como mais vulgares sobre a biographia do poeta, e o texto dos documentos relativos ás novas affirmativas, etc. que enchem as vinte e cinco paginas do folheto.

Do morgado, ainda vemos consignadas as indicações de que, em 1632, era lavrador das terras do valle Manoel Pires, que um codice da Bibliotheca de Evora—*Tombo de S. Francisco*—dá como instituidor de uma capella no convento de S. Francisco d'aquella cidade.

Em 1693 era lavrador das mesmas terras Antonio Rosado, e em 1702 Braz Vidigal. Estes tres homens deveriam ter sido os rendeiros do morgado, que passou da familia dos Cortes Reaes, para a dos Condes de Aveiras e Marquezes de Vagos, por entroncamentos dos seus descendentes. O morgado durou até á extincção dos vinculos em 1863. Foi o Marquez D. José Maria Tello da Silva e Menezes Corte Real quem vendeu as propriedades de Valle de Palma a José Maria Eugenio d'Almeida.

TYPOS HESPANHOES — A «ESCABICHEIRA» DE GALLIZA

Na nossa vizinha Galliza, nas rias baixas, vive resignada com a sua sorte e sempre animosa para o trabalho a *escabicheira*, que assim lhe chamam, a mulher que ganha o miseravel pedaço de pão para o sustento diario apanhando as algas que o mar atira á praia.

No nosso paiz, especialmente no norte, tambem esta apanha fornece elementos de vida e de trabalho a muita gente, sendo empregadas as algas no adubo das terras.

A *escabicheira* gallega as inclemencias do tempo não a arredam da praia, antes a satisfazem porque quando sopra o violento nordeste e o mar com furia enche de espuma das suas ondas o areal ou as ravinas da praia, é precisamente quando são mais abundantes as algas.

Uma arrastadeira de vime, collocada no extremo de uma comprida vara, é o instrumento com que se serve para apanhar as algas e outras plantas marinhas que fluctuam á superficie do mar.

Para as alcançar, e reunil-as em montões, vae para a praia a *escabicheira* núa de pé e perna, passando horas inteiras mettida n'agua, e depois

RESTOS DO PALACIO DE J. CORTE REAL NO SEU MORGADO DE VALLE DE PALMA

ao fim da tarefa, avergada ao pezo do fructo do seu trabalho, caminha por sobre a areia e calhãos, sempre de pés descalços.

E é essa a sua vida, um dia e outro, e vivendo assim conserva o typo originalissimo que a nossa estampa reproduz.

TYPOS HESPANHOES — A «ESCABICHEIRA» DE GALLIZA

MAHOMET

São poucos os vultos historicos que podem nivelar-se pela bitola de Mahomet no quadro geral dos acontecimentos da humanidade.

E embora não sejam raras em numero nem escassas no valor intrinseco as obras escriptas no intuito de esclarecer as intelligencias relativamente ao filho de Amina e á influencia por elle exercida sobre o espirito dos arabes, não é comtudo empreza facil apresentar uma opinião perfeitamente acceitavel e segura.

É que até mesmo nas realidades palpaveis da vida exterior ha sempre mysterios indecifraveis, cujo motor inicial e cuja ultima razão não passam áquém do sujeito psychologico individual e do seu fôro intimo.

Em todo o caso, é justo dizer com De Marlès: «Il est difficile de parler de Mahomet sans éprouver un vif sentiment d'admiration pour cet homme extraordinaire, qui, poussé par son seul genie, entreprit de changer la face du globe, sut trouver en lui-même d'inepuisables ressources, et surpris par la mort au milieu de sa gloire, laissa pour héritage un empire, avec des germes si féconds de grandeur et de puissance, que, privés même de son influence, ils se développèrent d'eux-mêmes sous la main de ses successeurs.»

Mahomet nasceu em Meca, em uma segunda-feira 27 d'agosto do anno 570 da nossa era, tendo por pae Abdallah e por mãe a já referida Amina, da nobre tribu dos horeischitas.

Foi pósthuma a sua vinda á existencia, e sua mãe confiou aos cuidados da ama Halima a amamentação da creança.

Levada por ella e creada com o seu leite no deserto, a creança, ainda que de compleição robusta, padeceu certos males que determinaram Halima a entregal-a na habitação materna. No anno 576, havendo tido logar o fallecimento de sua mãe, tomou conta de Mahomet seu avô Abd-el-Mouttalib.

Por morte d'este, o orphão encontrou abrigo em casa de seu tio Abou-Talib, filho do precedente, que lh'o recommendára á protecção.

Mahomet, aos trese annos de idade, acompanhou Abou-Talib á Syria, onde o chamavam interesses commerciaes.

Attribue-se ao monge nestoriano «Bahira ou Sergio» uma predicção feita em Bosra por occasião de semelhante viagem.

Parece haver dito ao tio que o futuro de Mahomet seria de gloria e que acautelasse o sobrinho contra os «laços dos Judeus».

A infancia do tutelado teve toda a aspereza accidental que de ordinario partilham os desherdados da fortuna, e de facto os bens que coubéram a Mahomet consistiram apenas n'um rebanho de carneiros e em cinco camêlos!

Quiz porém a Providencia compensar no filho de Amina a serie de privações com que o cercára no insondavel dos seus decretos, outorgando-lhe em energia de caracter e em amplitude intellectual de capacidade, tudo quanto basta e até sobra para impôr um homem á fama dos seculos e aos brazonados titulos da Historia.

Vou aqui transcrever como curiosidade, o retrato physico de Mahomet, que o finado sabio Barthélemy-Saint-Hilaire nos deixou no seu livro de primeira ordem, dedicado ao estudo do propheta da Arabia e do Alcorão: «D'une taille un peu au-dessus de la moyenne, il était fortement constitué; sa poitrine et ses épaules étaient larges; ses mains et ses pieds remarquablement solides, comme toute sa charpente osseuse; les jointures très-fines; les membres charnus sans être lourds; son cou était long, blanc et très-élégant; sa tête était fort grosse; le front était développé et toujours serein; le nez était fort et légèrement aquilin, avec le bout un peu relevé; la bouche était large, avec des dents très-blanches, saines et éloignées; ses sourcils minces étaient séparés par une veine qui se gonflait dans les moments d'émotion; ses yeux noirs et brilhants étaient ombragés par de longs cils; sa chevelure, épaisse et noire comme jais, tombait en boucles derrière ses oreilles et jusque sur ses épaules; sa barbe et ses moustaches étaient abondantes. Comme il arrive assez souvent chez les hommes très-vigoureux, il se tenait mal et il était voûté; sa démarche, quoique rapide et légère, avait, à l'apparence, quelque chose de pesant, et l'on eût dit qu'il descendait toujours une pente. D'ailleurs toute sa contenance, pleine de force, respirait la douceur et la bienveillance, bien qu'il regardât rarement en face les gens à qui il parlait. Sa physionomie générale était très-reposée et très-tranquille; son teint, ni pâle ni coloré; sa peau, très-unie, quoique hâlée. En un mot, l'ensemble de sa personne, sans être précisément beau, avait beaucoup de charme, et l'on se sentait attiré vers lui.»

Tenho hesitações invenciveis ao querer considerar esta individualidade pelo lado moral, por isso que não posso capacitar-me de que tenha havido sinceridade inteira nos seus actos decisivos.

Coragem e sangue frio, mostrou elle ainda em verdes annos em campo de batalha junto aos tios, apanhando as frechas que cahiam durante a lucta com resolução serena.

Generosidade e rectidão, provou tambem que o orientavam conscientemente, abrindo-lhe entrada ampla no seio da liga Hif el Foudhoûl, que «tinha para objecto a protecção dos fracos e para missão o cuidado de lhes fazer render justiça» segundo advertiu o escriptor Jonquière.

Taes dotes distinctivos egualmente justificam o cognome de El-Amin, *homem de confiança e de fidelidade*, conferido a Mahomet pelos contemporaneos que o rodearam.

Mas o que fica obvio dos dizeres dos seus biographos é que tres elementos de força, congregados na sua pessoa, fôram o principio de causalidade e a potencia tonificante que explicam o fundamento em que lhe assenta a grandeza; sagacidade penetrante, ambição crescente simulada finamente e sobretudo o bello casamento com a rica viuva Cadiga no anno 595, com a qual tinha parentesco não muito remoto.

Esta vergontea illustre da familia que guardava o templo Caaba, sentira-se encantada de Mahomet pelo modo acertado como lhe tinha dirigido negocios á testa das suas caravanas, e posto que fosse mais velha do que elle, foi venturoso o consorcio e não esteril o matrimonio.

Foi depois d'isto, que amadureceu na mente do sobrinho d'Abou-Talib o plano original que só «uma concepção ousada, uma vontade firme e persistente» era capaz de pôr em pratica.

Nas visitas frequentes que Mahomed fazia ao monte Hira para recolhimento e meditação de penitencia alcançou-o o anno 610, e foi então que *um sonho trouxe á sua presença o anjo Gabriel, que descêra do Ceo com um livro cuja leitura lhe ordenava.*

Tal é pouco mais ou menos o extracto que se colhe na leitura dos varios historiadores que trataram o assumpto. Nem judeus, nem christãos haviam conseguido arrancar os arabes do estiolamento e embrutecimento da idolatria: ciosos uns dos outros, tornava-se humanamente impossivel que aquelles ou estes chegassem a exercer acção preponderante no dominio das suas crenças religiosas. Mahomet viu a desordem e a anarchia em que tudo descambava; sabia insinuar-se nos animos e attrahir as consciencias; reconheceu como opportuno o momento historico e, possuidor dos recursos do genio e dos segredos da eloquencia que arrasta e seduz, apresentou-se como enviado celeste, primeiramente aos seus e logo em seguida á multidão empolgada.

O *Alcorão*, livro exclusivamente seu, é o trabalho d'um legislador e d'um guerreiro que tem egualmente em vista fundar uma religião nova.

Islamismo, da palavra arabe islam que significa submissão a Deus, foi a centelha luzentissima, dotada com as propriedades do iman, em volta da qual se reuniram as hordas vagabundas da Arabia para receberem o seu calor que em breve communicariam a gentes estranhas de toda a parte.

Mahomet soube despertar enthusiasmos fanaticos pela sua entidade e suscitar adeptos fervorosos da sua doutrina.

Teve inimigos que se levantaram no seu caminho, principalmente no seu proprio berço natal de Meca, por elle ter tido a audacia de proclamar contra o culto dos idolos e da famosa *pedra negra* do Caaba, que só existe um unico Deus, invisivel e soberano senhor do Universo.

O perigo para os koreischitas de se verem prejudicados no grôsso rendimento que lhes produziam as peregrinações ao templo, em que provavelmente só attendiam á economia pecuniaria que o transformava para o seu conceito n'uma fonte de receita maravilhosa, este perigo armou-lhes os braços contra Mahomet.

Depois de falharem ciladas preferiram a lucta aberta e não fôram mais felizes.

Mahomet no curso das perseguições que o alvejaram viu-se compellido a fugir de Meca para Medina.

D'aqui provém a era mulsulmana, *hegira*, a partir de sexta feira 16 de julho do anno 622.

Cadiga deixára de existir em 619, não tomando parte portanto na aventura de Medina.

Uma vez n'esta cidade Mahomet deu organisação ao culto: «construiu-se uma mesquita no local onde tinha parado o animal que transportou o propheta; fixaram-se as horas da oração; a sexta feira foi declarada o dia santo da semana; Meca substituiu Jerusalem, como ponto para o qual os fieis devem voltar-se no momento da oração; o mez de Ramazan, *(9º do Calendario turco)*, foi reservado para o jejum; emfim, instituiu-se a dizima.»

Não tardou muito sem que os musulmanos de Medina, cidade do propheta, empenhassem combate com os koreischitas, defensores dos idolos.

Feriu-se a primeira batalha em Bedr, posição quasi a meia distancia entre Medina e Meca, alcançando ahi a victoria os sectarios de Mahomet.

A acção que fôra travada no anno 624, seguiu-se em 625 a de Ohod, em que o propheta vencido recebeu um ferimento.

Desde esta epoca até ao anno 630 occorrem diversas circumstancias e ha differentes alternativas de lucta e de paz, que rematam com a entrada solemne de Mahomed em Meca, com a destruição dos idolos do Caaba e com a victoria de Honeim sobre as tribus alliadas dos Havazim e dos Thakif.

Estava consummada a sua obra de unificação dos arabes e accentuado o seu dominio de maneira irrefragavel.

Quando a morte o levou dois annos depois, a Arabia toda pertencia-lhe.

Passo a verter agora alguns trechos da traducção do Alcorão, de Savary:

«Em nome do Deus clemente e misericordioso.

«Louvores a Deus, soberano dos mundos!

«A misericordia é a sua partilha;

«Elle é o rei do dia do juizo.

«Nós te adoramos, Senhor, e imploramos a tua assistencia;

«Dirige-nos no caminho da salvação;

«No caminho d'aquelles que tu encheste de beneficios;

«Dos que não mereceram a tua colera e se preservaram do erro».

. . . .

«Deus é o unico Deus, o Deus vivo e eterno. Nunca o invade o somno. Elle possue o que existe nos ceos e sobre a terra. Quem póde ir de encontro á sua vontade? Elle sabe o que era antes do mundo e o que será depois. Os homens conhecem da sua magestade suprêma o que lhe apraz que elles não ignorem. O seu trôno sublime abraça os ceos e a terra; tudo conserva sem esforço. Elle é o Deus grande, o Deus altissimo.»

. . . .

«Mahomet não passa de um enviado de Deus. Outros apostolos o precederam. Se elle morresse ou fosse morto, abandonarieis vós a sua doutrina? A apostasia em nada hostilisaria a Deus; e elle recompensa quantos lhe rendem graças.»

. . . .

«Ha um só Deus vivo e eterno. Elle te enviou o Livro que encerra a verdade, para confirmar as Escrituras que o precederam. Antes d'elle, fez baixar o Pentateuco e o Evangelho, para guia dos homens; elle enviou o Alcorão dos ceos. Os que negarem a doutrina divina devem aguardar supplicios; Deus é poderoso, e tem a vingança nas suas mãos.

Cousa alguma lhe é occulta. Elle vos forma como quer no seio das vossas mães. Não ha outro Deus; elle é poderoso e sabio. Foi quem te enviou o Livro. Entre os versiculos que o compõem, uns constam de preceitos evidentes e são a base da obra; outros são allegoricos. As pessoas que pendem para o erro; hão de ligar-se a estes ultimos versiculos, e formarão um schisma suppondo interpretal-os. Só Deus tem a sua explicação. Mas os homens consummados na sciencia divina dirão: *«Nós acreditamos no Alcorão; tudo o que elle contém vem de Deus.»* Esta linguagem é a dos sabios.»

. . . .

«Annuncia áquelles que crêem e que praticam o bem, que virão a habitar jardins onde correm rios. Quando saborearem os fructos que lá crescem hão de dizer: *«Eis os fructos de que nos alimentámos sobre a terra.»* Mas estes fructos apenas terão a apparencia d'elles. Os crentes encontrarão ali mulheres purificadas. Esta habitação será a sua morada eterna.»

«Não penseis qne os que succumbiram combatendo pelo Senhor estejam mortos; ao contrario, elles vivem e recebem o alimento das mãos do Omnipotente.»

«Aquelle que cumprir os preceitos do Deus sabio e misericordioso, e que obedecer ao propheta, será introduzido nos jardins onde correm rios, estancia de delicias e gosará uma felicidade eterna.»

. . . .

«Fazei a oração, dae esmola; o bem que fizerdes haveis de encontral-o junto de Deus, que vê as vossas acções».

«Publicae os louvores do Senhor de manhã e á noite.

Seja louvado nos ceos e na terra ao pôr do sol e ao meio-dia.»

. . . .

«Nós vos estabelecemos, ó povo de eleitos, para render testemunho contra o resto das nações. como o vosso apostolo renderá testemunho contra vós.»

. . . .

«O primeiro templo consagrado a Deus é o de Meca (Becca), templo abençoado, morada onde brilha a luz verdadeira.

Este logar santo é fecundo em maravilhas. Parou ahi Abrahão. Elle tornou-se o asilo inviolavel dos povos. Todos os homens que possam devem emprehender a sua peregrinação para prestar homenagem ao Eterno.»

. . . .

«O crentes, tende um justo temor de Deus e morrereis fieis.

«Abraçae a religião divina em toda a sua extensão.

«Aquelles que blasphemam contra o islamismo receberão a paga da sua impiedade.

«O orgulhoso que se afastar do islamismo e que lhe negar a verdade, será votado ás chammas eternas.

«O incredulo que recusa acreditar no islamismo é mais vil que o bruto aos olhos do Eterno.

«O crentes, o Senhor vos enviou o islamismo e o propheta para vol-o ensinar. Elle fará sair das trevas e conduzirá á luz da fé os fieis que tiverem praticado a virtude. Introduzidos nos jardins que regam os rios, hospedes eternos da estancia das delicias, gosarão de todos os bens que o Omnipotente accumulou para os tornar felizes.»

. . . .

«Deus ensinou o homem a servir-se da penna;

«Elle pôz em sua alma um raio da sciencia.»

. . . .

«Que o temor da indigencia não vos faça matar os vossos filhos. Nós proverêmos ás necessidades de todos. Uma tal acção é um attentado horrivel.»

. . . .

«O crentes, o vinho, os jogos de azar, as estatuas e a sorte das fréchas são abominações inventadas por Satan. Abstende-vos d'isso, para não cahirdes na perversidade.»

. . . .

«Combatei os vossos inimigos até que não tenhaes de recear a tentação, e que o culto do Deus unico seja estabelecido. Cesse toda a inimisade contra os que abandonarem os idolos; o vosso odio só deve atear-se contra os perversos.

«Obedecei a Deus e ao seu propheta. Se sois rebeldes, o seu ministerio limita-se a prégar-vos a verdade.»

....

«Eu sou o apostolo de Deus, repetia aos judeus Jesus, filho de Maria. Eu venho confirmar a verdade do Pentateuco, que me precedeu, e annunciar-vos a chegada feliz do propheta que ha de seguir-me. O seu nome é Mohammed.»

Póde reduzir-se todo o Alcorão a uma phrase unica: crêr em um só Deus e em Mahomet, seu vigario.

A chave decifradora do segredo que deu ao seu auctor toda a força prodigiosa do seu destino, está nas paginas ardentes do livro, no exemplo suggestivo do viuvo de Cadiga desposando outras mulheres simultaneamente, e tudo isto na terra das imaginações extraordinarias e dos sonhos phantasticos, n'essa oriental Asia de que Arbanère escreveu assim: «les doctrines religieuses, qui alors et depuis ont régi les hommes dans toutes les parties du monde, sont nées sur cette terre féconde en tous genres.»

Devo negar o dom da philosophia a Mahomet? Prefiro chamar-lhe visionario eminente, um instrumento talvez da Divindade, a alcunhal-o de impostor e de velhaco.

D. Francisco de Noronha.

O THOMÉ EM BOLANDAS

HUMORESCO

Por F. A. Janvier

No dia seguinte, depois do *lunch*, Mrs. Harvey dispôz-se a encetar a sua triste peregrinação ao arrabalde. Mui bem parecida, de sua pessoa, e trajando sempre com esmero, estava habituada a dar nas vistas; quando sahia á rua, quantos voltavam a cabeça para a vêr? Ao que não estava, porém, habituada, éra a que toda a gente a fitasse, pasmada, qual lhe succedia hoje.

Tornar-se a sua presença motivo de tão vivo interesse, não éra, para que digamos, caso para admirar. De pequenina estatura, ia como que ajoujada com o velho e assaz volumoso cabaz da prata, que servia de urna funeraria ao Thomé, e dentro do qual, de mais a mais, ia o mencionado Thomé, em não pequena quantidade. Os factos justificavam, aliás, a alcunha do *Meia arroba*, attribuida, entre outras muitas, ao Thomé, pelas sympathias da visinhança.

Carregar com desaseis arrateis de gáto defunto dentro d'um alentado cabaz — descobriu, á propria custa, Mrs. Harvey — exigia força physica em dóse muito superior áquella de que effectivamente dispunha.

O espectaculo apresentado por esta mulherzinha tão pequenina, tão bonitinha e tão primorosamente vestida, ajoujada com tamanho peso, éra, sem contestação, mais que sufficiente para fazer arregalar os olhos aos transeuntes — e arregalavam-n'os! Admittindo mesmo que os observadores interessados n'aquella sua marcha, tudo menos triumphal, nutrissem a persuasão de que ia levar um mimo a um amigo enfermo, não deixariam de experimentar difficuldade em conciliar a quantidade do mantimento transportado com o apetite de toda e qualquer variedade de invalido.

Mrs. Harvey, felizmente, tinha apenas de atravessar metade do lárgo até encontrar o tramway da carreira. Tal distancia, porém, éra já para ella uma estafa. Quando chegou á esquina, nem já sentia os braços, e tinha o rosto afogueado. Principiava a dizer lá comsigo que o compromisso que tomára éra perigoso quanto pesado. Ufanara-se e não pouco, durante annos, do tamanho descommunal do seu Thomé. Sentia, porém, n'aquelle momento, que, para fins mortuários, teria sido infinitamente preferivel um gato muito mais diminuto.

E deplorava vivamente que o guizosinho de prata, que por tantos annos tilintára unisono com as passadinhas do Thomé, não tivesse sido removido do pescoço ao bichinho como preliminar ao acto da inhumação.

Não minoráva de modo algum o dissabor que lhe causava esta circumstancia o facto do sonoro instrumento ter ficado no seu lugar, devido ao desejo especial por ella propria manifestado. Quanto mais apressava o passo, mais desesperadamente tinia o guizo!

Quando abordou o carro da carreira, o conductor tomou-lhe das mãos o cabaz, e levou-o para a plataforma da frente. «Aqui ao pé de mim vae seguro, minha senhora, — observou.

Causáva evidente surpreza ao automedonte o telim-tim-tim lá dentro do cabaz, e a bulhasinha tão exquisita despertou obviamente a curiosidade aos passageiros. Mrs. Harvey sentiu-se coráda que nem um pimentão. Realmente, éra uma tortura ir assim servindo de alvo aos constantes olhares de toda a gente! Alem de quê, as palavras do conductor, e o modo por que este disposéra do seu frete, a induziam a sentir-se qual outra lavadeira levando a trouxa da roupa ao seu destino. A apparencia do cabaz dava, sem duvida alguma, visos de probabilidade a similhante hypothese.

Mrs. Harvey tinha eliminado os compartimentos ao cabaz e accommodára dentro d'elle o Thomé estendido ao comprido, enchendo muito bem o espaço vasio, quer na largura quer na altura, com sufficiente camada de jornaes. Sobre esta fôfa agglomeração — e no intuito de dar corpo á théoria de *mimo para um doente* — estendêra um guardanápo grande, cujas pontas transpareciam ostentosamente atravez das juntas da tampa.

Impressionada a tal ponto pela sua imaginaria situação de lavadeira, achava quasi que impossivel haver alguem que tomasse a serio, um momento só que fosse, o engenhoso postulado do tal *mimo para um doente*. A unica coisa que a animava éra a absoluta correcção do seu vestuario. Lavadeiras — pensava de si para si — não protegem, por habito, as módas e *confecções*; nem submettem a um plano geral, a um schêma systematico de côr, vestido, chapeu, luvas e leque. E a toilette que a adornáva éra da modista do *high-life*; tudo quanto desejar se podia de mais irreprehensivel, quer no gosto, quer nas côres.

O ar, lá no extrêmo fundo do cárro, éra um tanto pesado; e mais pesado o tornava ainda um cheiro assaz exquisito que Mrs. Harvey, á primeira, não conseguiu distinguir, o qual veio porém accordar-lhe na mente cadeia intrincada de ideias pouco agradaveis, vagamente associadas á sua angustia. N'este comenos, entrou a perceber que as pessoas que a rodeavam resfolgavam, mais ou menos, e ouviu alguem dizer: «Que terrivel cheiro a ether!»

Estas palavras penetraram em Mrs. Harvey como penetraria uma fáca. Estremeceu violentamente, e pelo calor que lhe subia á face, percebeu que devia de estar carmesim. Durante os dez minutos que permaneceu ainda no carro, não tugiu nem mugiu, immovel, desviando o rosto dos restantes passageiros, e o olhar fito na janella da frente.

Não distinguia claramente coisa alguma. As ancas dos cavallos dir-se-hiam a chocalhar envoltas em estranho nevoeiro.

Ao descer do carro, sentiu que toda a gente encarava com ella de modo singular; percebeu que toda a gente resfolgava de modo suspeito quando o conductor lhe entregou aquelle seu cabaz tão musical, e chegou-lhe aos ouvidos um segredar assaz desagradavel, a seguil-a, quando ella investiu ao encontro do mesmo cabaz. Nutrira a esperança de encontrar outro carro. Felizmente que passava um trem, vasio. Chamou-o, içou-lhe para cima o cabaz, não sem difficuldade, e lá foi de batida em direitura á estação.

Um carregador deitou mão do cesto, levou-o para a sála dos passageiros, e foi mettel-o no wagon. — Ella, no entanto, observou que o homemzinho se debruçára sobre o cabaz, tomando-lhe o cheiro por módo que manifestava curiosidade e surpreza. — Que a curiosidade d'elle fora muito mais estimulada do que attrahida, quando ella lhe deu meio dollar por trabalho tão insignificante, tornou-se mais que obvio. Olhou um momento para ella, com ar investigador, no acto de arrecadar a gorgêta, mas nem palavra. Era um carregador discreto. Acreditou que lhe pagavam para se calar, e não abriu bico. Ao fechar a porta do wagon, despediu-lhe outro olhar penetrante. Quando tornou a passar para baixo, na plataforma, parou em frente da janella, junto á qual ella ia sentada, e tornou a encarar com ella. Emquanto progredia semelhante inquirição, Mrs. Harvey experimentava a paradoxica sensação — segundo ella disse ao depois — de ter sido surprehendida na perpetração de um crime — não perpetrado.

(Continúa). *Pin-Sel.*

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

I

Ha quanto tempo lhe puzeram o nome de *Moinho Silencioso*? Não sei. Sempre assim conheci aquella casa velha, meio aluida, restos lastimosos de tempos idos ha muito.

Em ruinas e sem telhado, as paredes que os annos vão esmigalhando, erguem-se para o céo, deixando caminho aberto a todo o vento. Duas grandes mós, que honradamente hão de ter feito seu officio, deram cabo do vigamento carunchoso que as sustinha e, arrastadas pelo proprio peso, enterraram-se no chão profundamente.

A roda grande ainda lá está suspensa, atravessada nos supportes apodrecidos. Foram-se-lhe as pás; só os raios se estendem ainda para o ar, como braços erguidos ao céo, pedindo o golpe de misericordia. Musgos e algas tudo cobriram com mantos de verdura, atravez dos quaes crescem os tufos das folhas gordas dos agriões, de palôr doentio. Um canal meio arrombado vae entornando, devagarinho, gota a gota, a agua, que sobre os raios da roda cae com monotonia de adormecer, e resalta como poeira fina, que enche o ar ambiente de vapor humido.

Sae do rio escondido entre amieiros cinzentos um cheiro d'agua estagnada. Cheio d'algas e d'ervas, invadem-o os pinheiros aquaticos e os juncos; só pelo meio reçuma um fiosinho d'agua lodosa e negra, onde preguiçosamente brota a lentilha d'agua, com suas folhas delicadas, verdes-claras.

Tempos houve em que o rio do moinho corria vivo e alegre; brilhava a espuma, alva de neve, ao longo da represa; ia até á aldeia a alegre bulha do tic-taque das rodas; e no pateo iam e vinham longas filas de carros, emquanto retinia ao longe a voz vibrante do moleiro velho.

Chamava-se Felshammer e vel o era ver como lhe quadrava o nome [1]. Era um homem! Capaz de despedaçar um rochedo! Não o fossem apoquentar ou contrariar: era logo uma furia, cerrava os punhos, inchavam-lhe as veias nas fontes como cordas, e, quando se punha a rogar pragas, tremia tudo: até os cães se safavam para as casinholas.

A mulher era uma criaturinha doce, socegada, toda sujeição. Pois não houvera de ser assim? Qualquer outra de mais vigorosa tempera, que se lembrasse de conservar um vislumbre de vontade pessoal, não a aturava elle vinte e quatro horas ao pé de si. Mas, dadas taes condições, levavam juntos vida supportavel, quasi diriamos feliz, não fôra aquelle genio fatal, que por um nada se accendia e chammejava, e que bastas horas de apoquentação deu á boa da mulher.

Mas nunca tantas lagrimas verteu, como quando a desgraça lhe desabou sobre os filhos. D'aquella união tres rebentos haviam nascido, lindos, valentes rapagões. Tinham todos elles olhos azues e vivos, cabellos loiros, mas sobretudo «um par de pulsos que dava esperanças» como não desgostava de repetir o pae vaidoso, embora o mais novo, ainda no berço, só fizesse uso das mãos para mamar nos dedos.

Os mais velhos eram já dois bellos rapazes. Que denodo no olhar, quando qualquer d'elles, firme nas pernas largas, erguia a cabeça e punha as mãos nas algibeiras das cuecas! Parecia dizer: «Sou filho de meu pae!... Venham para cá, se são capazes!»

Todo o santo dia andavam á pancada; era o proprio pae quem os açulava. Quando a mãe, toda afflicta, se mettia de permeio, a fazer pazes, eram cuidados baldados, e ainda por cima lhe faziam troça.

A pobre mãe não fazia senão tremer d'aquelles pequenos terriveis, porque bem via, cheia de medo, que ambos haviam herdado o genio irascivel do pae. Uma vez lhes acudira, quando já o Fritz, que apenas tinha oito annos, se atirava, com uma enorme faca de cosinha, ao irmão dois annos mais velho do que elle; seis mezes depois, o dia chegou com effeito em que haviam de justificar-se tão sombrios presentimentos.

Os dois pequenos estavam no pateo jogando á pancada, e o mais velho, o Martinho, desesperado por ver que o Fritz tinha mais força, atiroulhe uma pedra, tão desgraçadamente, que lhe acertou na parte posterior da cabeça, deitando-o ensanguentado por terra e fazendo-lhe perder a fala.

Estancaram-lhe o sangue sem difficuldades, cicatrisou-se a ferida, mas a fala nunca mais o pequeno a recuperou. Ficou inerte, indifferente a tudo, comendo do que lhe davam como um animal. Tornára-se idiota.

Foi um golpe terrivel na casa do moleiro. A mãe passou noites e noites a chorar; e elle tambem, d'antes tão cheio de actividade e energia, por muito tempo deixou-se andar ao acaso, como perdido n'um sonho.

Mas quem mais profundamente se impressionou

[1] *Fels*, rocha; *Hammer*, masso; *Felshammer*, masso de quebrar rochas.

foi o causador do desastre. Fossem lá reconhecer aquelle rapaz d'antes tão altivo e turbulento? Desapparecera-lhe a arrogancia; andava taciturno, mettido comsigo, obedecendo pontualmente ás ordens da mãe, fugindo, sempre que podia, de brincar com os companheiros de escola. Eram de commover os carinhos de que rodeava o infeliz irmão. Em casa nem um só momento o deixava. Domava-se com paciencia d'anjo aos habitos do idiota cahido na classe dos brutinhos; conseguira comprehender os sons inarticulados do enfermo e sorria quando este lhe escangalhava o mais querido dos brinquedos.

Tanto o doente se costumára á companhia, que não podia passar sem elle. Quando o Martinho estava na escola, era um gritar sem fim, e antes queria morrer á fome do que acceitar o comer de mão que a do irmão não fosse.

Assim arrastou vida miseravel durante trez annos, ao cabo dos quaes adoeceu e morreu.

(Continúa).

Os cegos e a Escola Primaria

De ha muito que a preocupação dos typhlophilos no desejo de melhorar a sorte dos cegos, se traduz necessariamente por um esforço constante para cultivar o seu espirito, afim de os subtrahir á vida puramente vegetativa a que estavam condemnados pelo abandono. Esta generosa affeição deu logar á escripta em relevo e ás escolas especiaes ou institutos de cegos, nos quaes se dá aos alumnos uma educação elementar muito cuidada e superior á que as creanças com vista recebem nas escolas primarias. Estes institutos teem demonstrado, cumprindo com successo a sua missão, que a cegueira não é um obstaculo que possa impedir a instrucção do cego. Mas, como apresentam o duplo inconveniente de isolar, no ensino, os cegos em relação aos videntes, e de unicamente aproveitar uma pequena minoria dos primeiros, é indispensavel a sua substituição pelo ensino mixto de cegos e videntes. Provar-se-ha a forma porque os cegos são susceptiveis de se educarem conjunctamente com os que teem vista, não somente em casos particulares e conhecidos, como succede agora, mas ainda d'uma forma geral e estabelecida. E' necessario que os conhecimentos elementares que todo o mundo tem o direito de receber, sejam egualmente espalhados pela massa dos cegos, isto é, que as escolas primarias abram as suas portas tanto aos que estão privados da vista como áquelles que a gozam. Porque, graças á sua attenção ordinariamente mais intensa e á sua vontade excitada pelo amor proprio de serem bem succedidos apezar do seu defeito physico, os cegos vencem as difficuldades que este mesmo defeito lhes oppõe e podem perfeitamente rivalisar com os seus companheiros videntes. E' por isso que, a sua simples assistencia ás escolas communs lhes seria da maior utilidade, pois que certamente não deixariam de tirar resultados, mesmo sem lêr nem escrever; comtudo, elles devem adquirir este conhecimento vista a importancia que tem para a instrucção e para a vida. Ora, o ensino n'este ponto, de cegos e videntes, seria incompativel se aquelles empregassem o systema Braille, tão differente da escripta commum; emquanto que seria possivel com a adopção do excellente methodo Mascaró que offerece, ao mesmo tempo, o ponto em relevo para o cego e a linha traçada para os videntes, de modo que com o auxilio d'este systema poder-se-hiam perfeitamente imprimir cartilhas que serviriam egualmente a uns e outros estando, além d'isso, munidas todas as escolas com pautas para escrever indispensaveis ao uso dos alumnos privados da vista. Se estes ultimos, no exercicio da escripta, tivessem necessidade de qualquer auxilio supplementar, seria em todo o caso, pouco consideravel, podendo por consequencia ser facilmente dado pelo professor — fóra das horas de aula — ou por qualquer outra pessoa. A generalisação da escripta Mascaró seria pois de grande utilidade. Mas o uso do Braille pelos cegos não impede a sua coeducação com os videntes; este facto exigiria unicamente a separação do ensino na parte particular da leitura e escripta. Comtudo, como o systema Mascaró permitte que este ensino seja tambem mixto, é muito mais preferivel ao outro. Nós vemos por conseguinte que, pela admissão nas escolas de primeiras lettras, todos os cegos podem receber e isto sem despeza apreciavel, a instrucção elementar, resultado que está longe de ser obtido nos institutos especiaes que, além d'isso, custam enormes sommas ao estado e ás municipalidades. A sua sahida do ensino primario, os cegos poderão emprehender, depois de uma selecção proporcional á que se dá entre os videntes, os graus immediatos de estudo.

A questão da utilidade, para áquelles que estão privados da vista, das escolas de primeiras lettras, é uma das que vae ser estudada pela Commissão Organisadora do Congresso Internacional que ha de reunir-se em Paris de 1 a 5 de agosto de 1900 em favor dos cegos. Se o congresso resolve o problema no sentido manifestado pelo presente artigo, é de suppôr que encarregará uma commissão especial para trabalhar junto dos governos dos diversos paizes, afim de que favoreçam a realisação do projecto que nos occupa, e cujo cumprimento, segundo a minha opinião, será certamente muito efficaz por que a ideia tão espalhada de que o cego é impotente, apenas digno de inspirar dó, se mudará na convicção de que é um ser tão capaz como os videntes para exercer a sua intelligencia e tornar-se util em muitas das espheras da actividade.

C. Lickefett.

Licenciado em Philosophia e Lettras — cego —.

Trad. de A. Mascaró, filho. Lisboa, julho de 1899.

ALPHABETO MASCARÓ INVENTADO EM 1889
ALPHABETO BRAILLE INVENTADO EM 1829